



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 22, n. 2, art. 11, p. 193-216, fev. 2025

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2025.21.2.11>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Juventudes Escolarizadas de Igrejinha (RS): Entre Percepções de Si e da Juventude

Scholarly Youths in Igrejinha (RS): Between Perceptions of Self and Youth

Victor Hugo Nedel Oliveira

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Professor do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: victor.nedel@ufrgs.br

Rafael Henke

Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
E-mail: rafael.henke@ufrgs.br

Endereço: Victor Hugo Nedel Oliveira

UFRGS – Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43.136,
gabinete 216, Agronomia, CEP: 91.509-900, Porto
Alegre/RS, Brasil.

Endereço: Rafael Henke

UFRGS – Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43.136,
gabinete 216, Agronomia, CEP: 91.509-900, Porto
Alegre/RS, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 30/12/2024. Última versão recebida em 16/01/2025. Aprovado em 17/01/2025.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

As juventudes são formadas por grupos diversos e complexos, com múltiplas vivências, experiências e desafios, marcados por uma constante busca por identidade e pertencimento, ao mesmo tempo em que enfrentam as adversidades econômicas, sociais e políticas que permeiam suas realidades. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender as percepções de jovens escolarizados do município de Igrejinha (RS) sobre a juventude e sobre si mesmos, analisando seus contextos de vida e as influências que moldam suas identidades. A pesquisa utilizou um estudo de caso com jovens do Ensino Médio da rede estadual, com aplicação de questionários para a produção de dados sobre suas percepções e vivências. A análise dos dados foi feita por meio de categorias que emergiram das respostas, levando em consideração questões éticas, como a confidencialidade e o respeito às experiências dos sujeitos. Os resultados mostraram que os jovens associam a juventude a um período de aprendizagem, preparação para o futuro e responsabilidades, além de um tempo de lazer ligado à socialização, tecnologias e atividades físicas. A escola, a família e o trabalho emergem como os principais espaços de convivência social para os participantes. A diversidade presente na amostra, em termos de gênero, etnia e origem geográfica, reflete a multiplicidade de vivências e perspectivas entre os jovens da cidade. Aponta-se para a importância de novas pesquisas que aprofundem o entendimento sobre as juventudes de Igrejinha, considerando suas especificidades, desafios e potencialidades em um contexto mais amplo.

Palavras-chave: Juventudes. Percepções. Escolarização. Lazer. Espaços.

ABSTRACT

Youth is composed of diverse and complex groups, with multiple experiences, challenges, and a constant search for identity and belonging, while also facing economic, social, and political adversities that shape their realities. The main goal of this research was to understand the perceptions of young people enrolled in schools in the municipality of Igrejinha (RS) about youth and themselves, analyzing their life contexts and the influences that shape their identities. The study used a case study approach with high school students from the state public school system, applying questionnaires to gather data about their perceptions and experiences. Data analysis was conducted through categories that emerged from the responses, taking ethical considerations into account, such as confidentiality and respect for the participants' experiences. The results showed that the young people associate youth with a period of learning, preparation for the future, and responsibilities, in addition to being a time for leisure related to socialization, technology, and physical activities. School, family, and work emerged as the main social spaces for the participants. The diversity within the sample, in terms of gender, ethnicity, and geographic origin, reflects the multiplicity of experiences and perspectives among the youth of the city. The study points to the need for further research to deepen the understanding of the youth in Igrejinha, considering their specificities, challenges, and potential in a broader context.

Keywords: Youths. Perceptions. Schooling. Leisure. Spaces.

1 INTRODUÇÃO

As juventudes, de acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), correspondem às pessoas entre 15 e 29 anos, são, aproximadamente, 25% da população brasileira (IBGE, 2022). Embora seja intuitivo creditarmos uma imagem estereotipada da figura do jovem, o crescente número de pesquisas sobre a temática mostra o quão plural são os sujeitos distribuídos nesta faixa etária. Assim, acredita-se não se tratar de juventude, mas de juventudes: múltiplas, plurais, diversas. Dessa forma, vários fatores influenciam na construção identitária das juventudes como classe social, etnia, gênero, orientação sexual, entre outros.

A busca por postergar a juventude, ou pelo menos a estética a ela associada, é evidenciada, por exemplo, por produtos milagrosos e procedimentos cirúrgicos que são anunciados frequentemente. De outro lado, temos a juventude relacionada a um estado de espírito ou ao jeito de ser, indiferente à presença das marcas de envelhecimento do corpo. Por ambos os caminhos, a juventude é almejada, desejada. “Todo mundo quer ser jovem, toda a ideia de juvenilização está em jogo, todas as questões da indústria estética fazem com que todo mundo queira ser jovem” (NOVAES *et al.*, 2021, p.5).

Embora o recorte etário seja o que define primariamente a juventude, está longe de estabelecer uma unidade homogênea. Dois jovens de mesma idade, porém de classes sociais diferentes, terão vivências e percepções muito distintas sobre o mundo. O mesmo vale para todos os possíveis recortes que diferenciam tanto as juventudes brasileiras. Nas palavras de Rollsing (2023),

[...] podemos pensar que o espaço não é vivido e percebido de uma forma homogênea entre os jovens. São experiências totalmente diferentes ser jovem branco e ser jovem negro, ser jovem mulher e ser jovem homem, ser um jovem que reside em um bairro com estrutura e próximo ao centro e ser um jovem que vivencia o cotidiano na periferia de sua cidade (p.31).

Sendo assim, é preciso pensar a juventude sob uma ótica mais ampla que permita visualizar suas diferenças, individualidades e as consequências advindas disso. A juventude é dotada de opiniões, pensamentos, posicionamentos que são evidenciados nas diversas manifestações culturais que buscam dar visibilidade às suas identidades e reivindicações. Feixa encontrou “nos jovens uma multicriatividade na música e através de outras produções culturais, como o desenho, o grafite, a arte, o cinema e a cibercultura” (FEIXA *et al.*, 2018, p. 319). Por mais deslegitimados que sejam, estão à frente da criação de novas tecnologias,

novas formas de se relacionarem, levantando bandeiras de suma importância como os direitos LGBTQIAPN+ e a proteção ao meio ambiente, tema ao qual as juventudes são bastante atreladas no âmbito científico, processo explorado por Petró (2023). Assim, as juventudes estão na vanguarda de pautas progressivas na busca de uma sociedade mais respeitosa e igualitária.

As e os jovens acabam sendo vistos socialmente, em tantas oportunidades, como seres inacabados. Velhos o suficiente para carregarem mais responsabilidades que uma criança e novos demais para serem considerados seres conscientes e críticos, capazes de tomarem decisões importantes. Criou-se o estereótipo da juventude mergulhada no ócio profundo, despreocupada e da qual nada de bom viria, a menos que fosse tutelada por adultos responsáveis por mostrar-lhes o caminho da vida em sociedade.

As juventudes são apontadas em nossa sociedade como expressões da inexperiência, falta de racionalidade pelo excesso de hormônios e emoções, por isso carecem de atenção e rigidez para que o bom andamento do desenvolvimento da pessoa jovem seja garantido, de maneira a evitar desvios ligados à rebeldia, boêmia, transgressão ou anseio de extravagância (VERNEQUE, 2023, p. 88).

Todavia essa imagem construída se mostra falha perante a realidade brasileira. Concretamente, o que existe é uma grande parcela de jovens filhos da classe trabalhadora incumbidos de equilibrar trabalho, estudo, afazeres do lar, tempo de lazer e socialização. Forçados a encarar um mercado de trabalho cada vez mais precarizado, marcado pela perda de direitos. O que ficou ainda mais evidente pelo contexto pandêmico que vivemos, como aponta Corrochano (2023):

Assim, ao lado do crescente desemprego, da informalidade e do desalento, é preciso considerar a piora das condições de trabalho dos e das jovens. Muitos estiveram mais expostos à contaminação pelo novo coronavírus em função de suas condições de trabalho, sobretudo os pobres e negros, trabalhando em setores de risco, como mostra a emblemática situação dos entregadores por aplicativos, em especial os bikeboys, enfrentando grandes deslocamentos diários, considerando as distâncias entre seus empregos e suas residências e assumindo o apoio e o cuidado de pessoas adultas e idosas. (p. 53)

Grandes empresas deixam de oferecer vínculos empregatícios formais e dignos, para ofertar o ideal do jovem empreendedor de si mesmo junto ao mito da meritocracia. Como fruto desse cenário, vemos jovens exercendo funções remuneradas em jornadas extenuantes e à margem dos direitos advindos da Carteira de Trabalho. Com o agravamento consecutivo das desigualdades no país, grande parte da população jovem se vê sem acesso (ou sem

perspectivas de acesso) a bens e direitos considerados básicos: moradia, saneamento básico, educação pública de qualidade, trabalho formal, segurança pública. Sem possibilidades palpáveis no horizonte e com a falta de oportunidades, cria-se a falta de perspectiva de planos em longo prazo. Sendo assim,

o futuro já não se planeja a longo prazo, as decisões adoptam-se e adaptam-se em funções de circunstâncias mutáveis. Já não se anda atrás de futuro, corre-se atrás de pokémons. São mais fáceis de agarrar do que o futuro. [...] A presentificação pode ser um tempo de conquista quando se exploram brechas no futuro indeterminado (PAIS *et al.*, 2017, p.306).

Em consonância, a juventude acaba por se tornar o público mais suscetível às violências cotidianas. Os jovens saem para estudar, trabalhar, socializar em um momento no qual estão se (re)conhecendo, experimentando e afirmando suas identidades (NOVAES *et al.*, 2021; OLIVEIRA, 2023). É a parcela da população mais vítima de homicídios (IPEA, 2019) e com a maior população carcerária, mais de 40% (SENAPPEN, 2023). Por outro lado, mesmo que veladas, as violências simbólicas muito contribuem também para a opressão do jovem na sociedade atual.

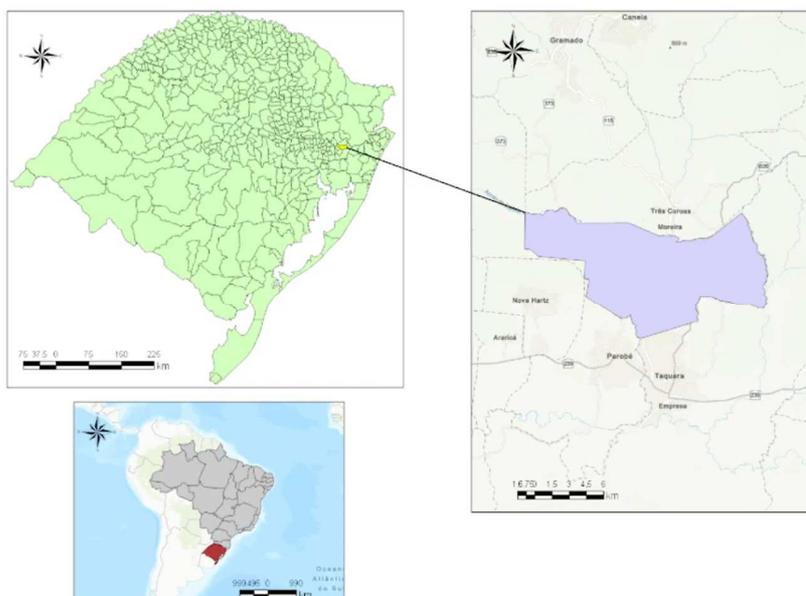
A violência física é marcada por símbolos de força, de dominação. Mas, quando tratamos de violência simbólica, são processos que não têm tanta visibilidade material, mas que existem continuamente. Essas violências simbólicas estão muito ligadas à forma da sociedade ver, criar, se ver, olhar e hierarquizar os seus grupos. Valorizar ou desvalorizar os grupos sociais que compõem a sociedade. Elas estão ligadas geralmente à idade, que tem muita violência simbólica e é feita entre adultos e jovens. Só porque ele é jovem ele não pode falar? Ele não pode por quê? Porque ele é jovem, e ser jovem é ser suspeito (NOVAES *et al.*, 2021, p.11).

O jovem fica aquém, jogado para escanteio nas conversas e decisões, sem amparo público capaz de garantir-lhe seus direitos. Da mesma forma que acaba por não ocupar as posições de poder capazes de mudar tal situação, sendo que, quando o faz, deixa de lado os interesses juvenis. Em uma contradição muito bem construída, a juventude é idealizada, prestigiada, está à frente das inovações tecnológicas e transformações econômicas, enquanto paralelamente é marginalizada do poder econômico, político e violentada diariamente (FEIXA *et al.*, 2018, p. 313).

No presente trabalho buscamos analisar as juventudes igrejinhas sobre um aspecto fundamental: a constituição de si. O município de Igrejinha fica localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, no Vale do Paranhana. Desenvolveu-se juntamente com o crescimento do setor calçadista na região, criando amplo emprego e um aumento populacional

urbano acelerado. Sua cultura carrega traços germânicos por conta de sua origem, marcada pela Oktoberfest, festa mais famosa da cidade.

Mapa 1 - Localização Igrejinha/RS



Fonte: os autores (2021).

São poucos os estudos sobre juventudes no interior do Rio Grande do Sul (Oliveira; Pimenta, 2022). Trazer estas juventudes igrejinenses é contribuir, mesmo que de forma pequena, para preencher a lacuna. Desenvolvemos a pesquisa em torno de questionar e buscar responder: quem são as juventudes escolarizadas de Igrejinha/RS? Assim, o objetivo do estudo é entender quem são os jovens escolarizados igrejinenses.

2 CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Utilizou-se como metodologia balizadora a aplicação de questionário com os alunos de terceiros anos da escola selecionada, assim caracterizando-se como pesquisa quantitativa. O quantitativo permite tecer relações e criar hipóteses pertinentes entre os resultados da amostragem e o objetivo da pesquisa. Pois,

muitas vezes, ao valorizar o qualitativo, você não dialoga com o que tem à disposição do quantitativo. O quantitativo responde a todas essas perguntas, mas, ao mesmo tempo, ele norteia. Ele dá o estado da questão, se você souber pegar os dados do quantitativo e a partir deles fazer costuras explicativas, levantar hipóteses, fazer comparação (NOVAES *et al.*, 2021, p. 6).

Quanto ao tipo de pesquisa, classifica-se como descritiva. Os estudos descritivos têm como objetivo descrever um grupo ou situação e procurar desvendar a relação entre eventos (PEDROSO *et al.*, 2016). Somada ao potencial de pesquisa descritiva, também é um estudo de caso ao analisar um grupo específico de jovens sujeitos. Sendo o estudo de caso considerado uma análise focalizada, pretendendo “obter uma grande quantidade de informação sobre um caso específico” e estabelecer relações com pretextos teóricos (LIMA; MOREIRA, p.46, 2015). Por meio da vinculação de tais técnicas de pesquisa, buscamos estabelecer as relações definidas no objetivo principal da pesquisa, além de tornarem possível visualizarmos de forma parcial quem são os jovens igrejinhenses escolarizados.

A pesquisa foi realizada em uma das duas escolas da rede pública estadual que oferecem Ensino Médio em Igrejinha. A escola fica no bairro Viaduto, próxima ao centro da cidade. A escola recebe jovens de vários bairros do município, havendo transporte público oferecido pela prefeitura.

Igrejinha é um pequeno município localizado na região Metropolitana de Porto Alegre, próximo à Serra Gaúcha. Embora esteja próxima a um polo turístico do estado, a economia igrejinhense é historicamente construída pela indústria calçadista, tendo se desenvolvido em ritmo acelerado nas décadas de 1970/1980, recebendo assim grande fluxo migratório devido às ofertas de trabalho. De acordo com o Censo de 2022 (IBGE), tem uma população de 32.808 pessoas com uma área territorial de 138,3km². O bairro Viaduto segue o padrão topográfico de Vale do município, cercado por morros ocupados por casas de vários padrões. Conta com algumas fábricas e ateliers de calçados que têm suas vagas ocupadas principalmente pelos moradores do bairro. São poucos os espaços de lazer públicos disponíveis no bairro, resumidos em praças com brinquedos infantis.

Atualmente, a cidade vem se reinventando economicamente com o declínio do setor calçadista na região, com destaque para a área de construção civil e comércio. A Oktoberfest tem importante papel no imaginário dos igrejinhenses e é o principal evento cultural. Conta com a ajuda de cerca de 3 mil voluntários (Oktoberfest de Igrejinha, 2023) da própria comunidade que fazem com que a festa aconteça todos os anos. Atrai milhares de pessoas para os dois finais de semana com atrações locais e nacionais.

Os sujeitos definidos para a pesquisa foram os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio da escola parceira. A faixa de idade dos participantes variou entre 17 e 20 anos, o que os classifica como jovens segundo o Estatuto da Juventude (Brasil, 2013). Todos os alunos dos terceiros anos da escola foram convidados a participar em ambos os turnos oferecidos

pela instituição (manhã e noite). O número total de alunos somados seria em torno de 150 alunos e o número de participantes foi de 33 voluntários (amostragem de 22% do universo).

O procedimento utilizado para a produção de dados foi a aplicação de um questionário. Segundo Gil (1999), o questionário pode ser definido

como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (p.128).

Entre as vantagens da técnica, o questionário permite atingir um grande número de respostas e garante o anonimato dos respondentes com relativo baixo custo de aplicação. Os dados gerados possibilitam ao pesquisador tecer análises e posteriores relações com foco no seu objetivo. Entretanto, são necessários cuidados para a elaboração de tal ferramenta investigativa. Inicialmente é preciso reiterar a importância da participação do voluntário, expor as vantagens e como é relevante sua participação no estudo (CHAGAS, p.4, 2000).

A estrutura do questionário iniciou-se com uma breve introdução apresentando o estudo e incentivando a participação, seguida da caracterização da amostra. Em seguida, os jovens participantes responderam ao eixo “Quem são os jovens igrejinhenses?”. O questionário também foi composto pelos eixos “Os jovens e a escola” e “Os jovens e a cidade”, cujos resultados e debates são apresentados em outros textos científicos.

Os dados foram processados apoiados na “Análise de Conteúdo”, descritos por Bardin (1977, p. 32) como um “leque de apetrechos” que podem ser utilizados para analisar significados, mas também significantes nas mais diversas formas de comunicação. Segundo a autora, a análise de conteúdo conta com três pressupostos principais: pré-análise, exploração do material e por fim o tratamento dos resultados obtidos e suas interpretações.

Assim, elencamos uma categoria *a priori* central para análise de dados, baseados em Oliveira (2015): “O jovem e suas visões sobre a juventude”: caracterização de quem são os jovens participantes da pesquisa, suas opiniões acerca das juventudes e se enquadram a si mesmos nessa categoria.

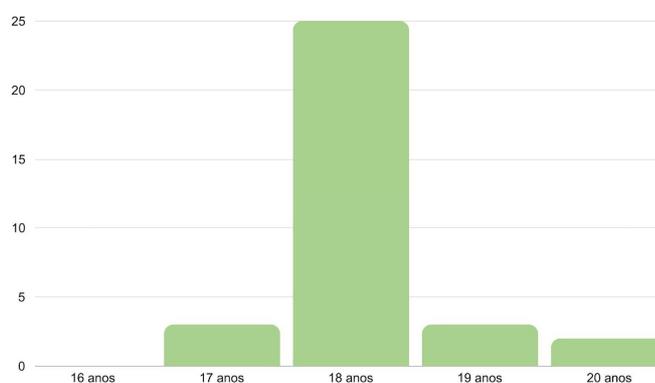
O presente trabalho seguiu os preceitos apresentados na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), referência nos cuidados éticos necessários para realização de pesquisas nas ciências sociais. Dessa forma, a instituição parceira na qual os questionários foram aplicados assinou o Termo de Anuência e não foi identificada. Assim como os alunos participantes terão suas identidades resguardadas. Somente puderam

participar da pesquisa os estudantes menores de idade que apresentaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis, além dos próprios terem assinado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. No caso dos alunos maiores de idade, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para iniciar a caracterização da amostra da investigação, apresenta-se o gráfico com a distribuição das idades dos sujeitos.

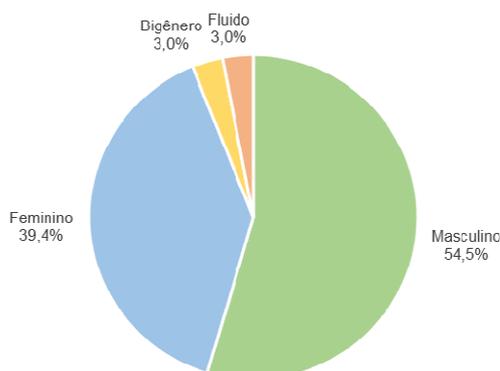
Gráfico 1 - idade dos jovens.



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

A ampla maioria dos jovens participantes da pesquisa (75,8%; $n = 25$) possuía 18 anos. Houve menor participação de alunos menores de idade (9%; $n = 3$). Ademais, a maioria dos participantes estudava no período noturno, os mesmos se mostraram mais mobilizados em participar do estudo. A próxima pergunta contemplava a identificação de gênero, presente no gráfico a seguir.

Gráfico 2 - gênero dos sujeitos da pesquisa.



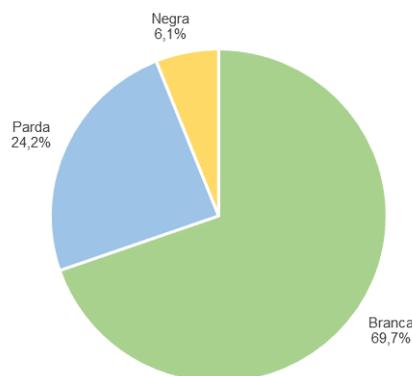
Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

É possível observar a maioria de participantes do gênero masculino (54,5%; n=18), seguido pelo gênero feminino (39,4%). Assim como apareceram em menor número (3%; n=1) o gênero fluido e bigênero. Entende-se como gênero

as relações sociais entre homens e mulheres; a forma primeira de dar significado às relações de poder; um conjunto de normas que prescrevem o que é feminino ou masculino; um dispositivo cultural que nomeia, hierarquiza, categoriza modos de vida e assim organiza e divide o mundo a partir do que se entende como feminino e masculino (SALES; SILVA, 2021, p.14).

A simples categorização binária entre homem e mulher, masculino e feminino - encarada como normal social - não é capaz de contemplar a pluralidade de possibilidades quanto à forma que cada sujeito identifica a si mesmo. Existem múltiplas maneiras de se existir descondicionadas do órgão genital, gênero de nascimento. Exemplo disto são os jovens respondentes que se identificaram como de gênero fluido e bigênero, saindo da caixa pré-estabelecida composta por masculino e feminino. Sendo uma clara minoria, surge a reflexão de porque mais jovens não-binários, transgêneros e outras diversidade de gêneros não estão presentes em maior quantidade dentro da escola. Panorama que está longe de ser exclusividade da escola/turmas pesquisadas. A ausência de tais grupos está relacionada a variados fatores, como o preconceito que muitas vezes está instaurado dentro do seio familiar, dificultando a aceitação do jovem com sua própria identidade. Bem como a escola, através da falta de preparo em receber e acolher estas pessoas, acaba por repeli-las do ambiente escolar e reproduzir a norma social na qual acabam por não se enquadrarem (NOGUEIRA; SANTOS, 2021, p.18).

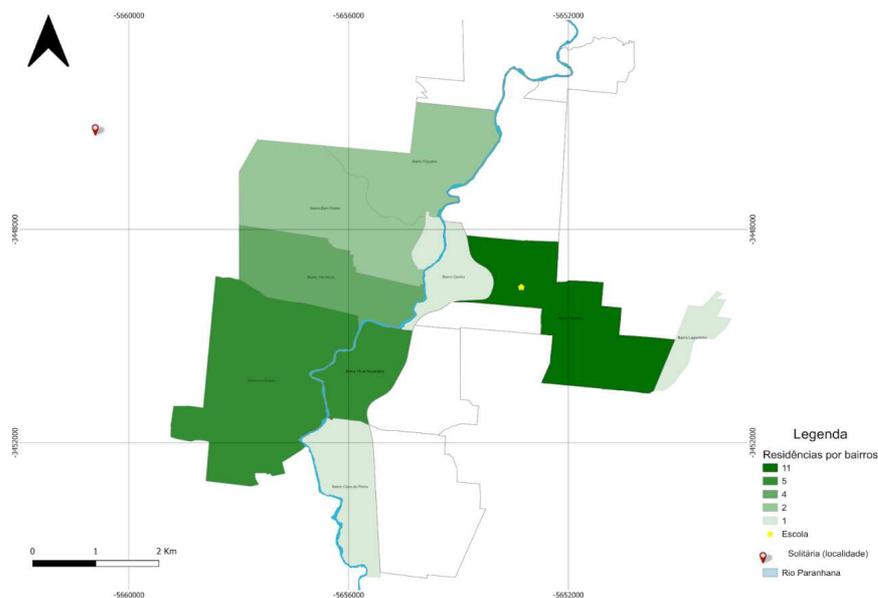
A próxima questão tratou sobre etnia dos jovens, retratada no gráfico 3.

Gráfico 3 - etnias dos participantes.

Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Há uma predominância de participantes brancos (69,7%; n=23), seguidos por pardos (24,2%; n=8) e negros (6,1%; n=2). Nota-se clara diferença numérica entre brancos e negros. Segundo o último Censo (IBGE, 2022), a população negra do país soma a maioria do total populacional, cerca de 55%. Sendo assim, vale questionar por que jovens pretos e pardos da pesquisa estão em tão menor número no último ano do Ensino Médio sendo que são maioria da população brasileira? Estão em menor número no fim da educação básica como um todo? Quais os processos que fazem com que isso aconteça? Jesus (2018) através de sua pesquisa com jovens em São Paulo deixa claro que a evasão escolar de jovens negros vai muito além de desigualdades econômicas, adentrando questões que envolvem atitudes racistas e estereótipos dentro da escola. As quais, por sua vez, nem sempre sabem lidar com ou fecham os olhos para tais situações. O que é deveras problemático na medida em que a educação deveria ser uma frente de luta e conscientização contra o racismo.

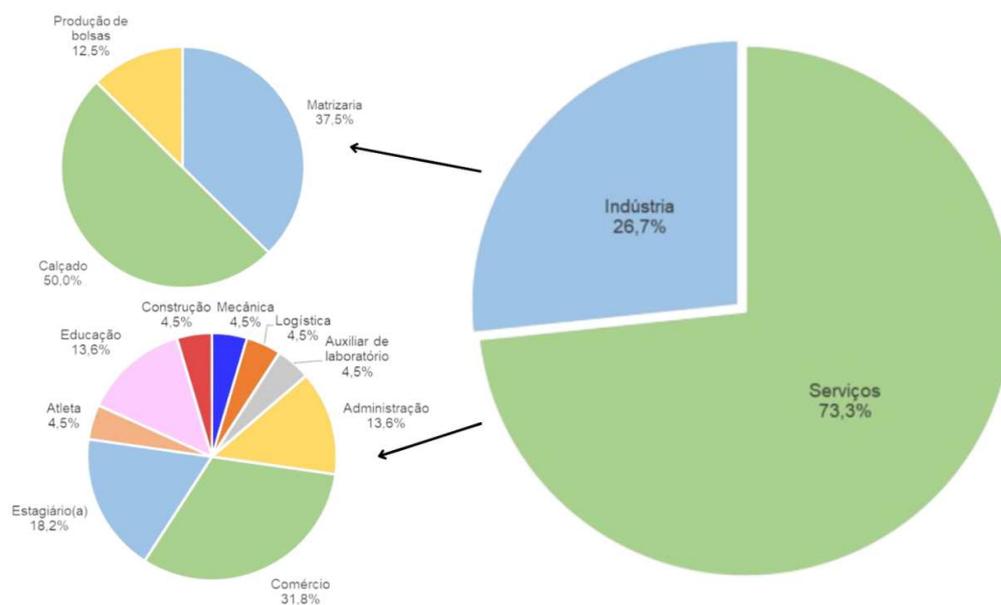
Os participantes foram questionados sobre o bairro de residência. O mapa a seguir estabelece relações de bairros com maior número de residências dos alunos, pontuando a localização da escola.

Mapa 2 - Distribuição por bairros das residências dos participantes

Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Ao analisarmos o mapa, nota-se uma concentração dos jovens no bairro Viaduto (33,3%; n=11), onde se localiza a escola. Na sequência, há dissipação do restante na área central e parte oeste da cidade. Interessante apontar que a outra escola de ensino médio do município fica no bairro Centro, mais próxima destes bairros. O que permite levantar questões sobre o que levou a escolha por esta escola. Outro ponto que chama atenção é a presença de alunos que moram afastados da cidade, com destaque para a localidade de Solitária (3%; n=1) e um loteamento chamado Sanga Funda (6,1%; n=2), na parte sudoeste do bairro Invernada, quase no limite com Parobé, município vizinho. A prefeitura municipal oferece transporte para os estudantes irem e voltarem até a escola.

Entre os alunos, apenas 3 (9%) não trabalhavam. O restante dos jovens exerciam atividades em variadas áreas nos turnos inversos da escola. Os próximos gráficos apresentam a divisão dos trabalhos coletados nos questionários.

Gráfico 4 - setores da economia referentes aos trabalhos dos participantes.

Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Embora historicamente o município de Igrejinha tenha se desenvolvido baseado na indústria calçadista, os respondentes estão empregados majoritariamente na área de serviços (73,3%; n=22). Neste recorte, há enfoque para o comércio (31,8%; n=7), estagiários (18,2%; n=4) e setor administrativo (13,6%; n=3). Por outro lado, obtivemos respostas inesperadas como atleta (4,5%; n=1). Ao observarmos os alunos empregados na área industrial (26,7%; n=8), ainda temos um número significativo de jovens empregados em indústrias calçadistas (60%; n=4), seguidos por trabalhos em matrizarias, que são oficinas especializadas na fabricação e reparação de matrizes, moldes, gabaritos e ferramentas para estamparia (37,5%; n=3).

O número alto entre os participantes que trabalham e estudam (91%; n=30) é muito superior aos 11,6% de jovens que estudam e trabalham no Brasil (Brasil, 2019). É difícil estabelecer os motivos de uma taxa tão elevada, além da pesquisa não ter o intuito de estabelecer fins estatísticos formais. Um ponto importante é que a maioria dos pesquisados pertencem ao turno noturno e, geralmente, escolhem este turno com a intenção de trabalhar durante todo o dia, possibilitando rendimentos maiores. Em consonância, uma porcentagem tão alta de estudantes trabalhadores vai à contramão do imaginário do jovem como alguém despreocupado, desinteressado.

Mesmo sem ter sido citado diretamente, o empreendedorismo representado majoritariamente por funções autônomas, é cada vez mais difundido e pode permear o jeito

profissional de ser também em funções de subordinação dentro de empresas. Nesse sentido, ser empreendedor é representado por uma série de atitudes valorosas no mundo do trabalho que vão possibilitar galgar melhores posições e melhora na condição de vida, na qual o sucesso depende exclusivamente do sujeito (TOMASSI; CORROCHANO, 2020, p.361). O que é problemático ao pressionar estes jovens pela responsabilidade pelos resultados obtidos, sendo que seus esforços são apenas uma parte do todo.

Perguntamos aos jovens participantes: “O que é ser jovem?”, e tal questionamento resultou na seguinte nuvem de palavras.

Figura 1 - O que é ser jovem?



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Podemos destacar algumas das palavras que mais apareceram de acordo com a figura, tais quais “vida”, “jovem”, “aproveitar”, “viver”. Termos que podem indicar a juventude como um período da vida dedicado a “viver ao máximo” e a “melhor fase de se viver” como apontaram alguns participantes. Entretanto, outras respostas complementam e adicionam a multiplicidade do que é ser jovem. Dentre elas, “experiências”, “aprender”, “estudar”, “trabalhar”. Trazem maiores responsabilidades e obrigações, uma forma diferente de ver a juventude não baseada somente nas liberdades. Oliveira (2015) estrutura em categorias a visão dos jovens sobre a juventude em sua pesquisa, as quais utilizaremos em pontos de interseção nos dados da presente pesquisa.

Assim, identificamos: a primeira perspectiva destaca a juventude como um momento marcado pela valorização do presente e pelo hedonismo. Entre as respostas que sustentam essa concepção, emergem ideias como "viver e aproveitar os momentos", "fazer tudo o que se quer para evitar arrependimentos futuros" e "viver a vida com leveza, sem preocupações". Tal

visão enfatiza a desconexão com pressões estruturais e privilegia o usufruto pleno do tempo jovem como uma forma de maximizar as experiências prazerosas.

Por outro lado, há uma vertente que alia a vivência do presente à noção de responsabilidades. Nesse grupo, os relatos expressam uma visão equilibrada entre o desfrute da juventude e o engajamento com atividades construtivas, como "cuidar, aproveitar e fazer sua vida" ou "batalhar por conquistas, enquanto se emociona com realizações". Nessa perspectiva, a juventude é associada à busca pela autonomia e à gestão das próprias escolhas, ainda que permeada por momentos de lazer e descontração.

Uma terceira perspectiva descreve a juventude como uma fase de transição. Aqui, as respostas destacam o caráter preparatório dessa etapa, entendido como um "período de aprendizado para a vida adulta" e "uma era de experiências que antecede a maturidade". Esse ponto de vista ressalta o entrelaçamento da juventude com a construção de competências e habilidades necessárias para lidar com responsabilidades futuras, mas sem o peso integral das exigências da vida adulta.

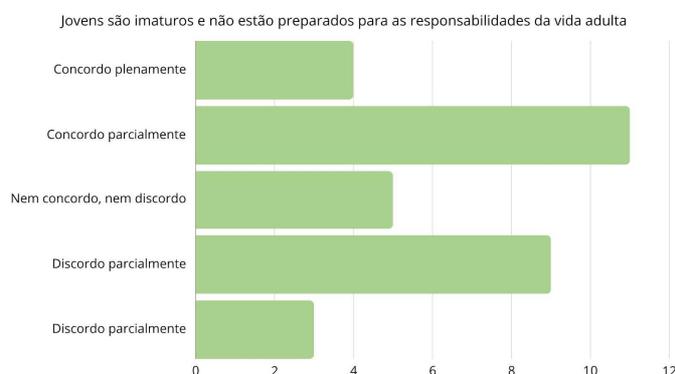
Por fim, a juventude também é interpretada como um período de descobertas e experimentações. Os relatos que sustentam essa concepção sublinham a busca por autoconhecimento e a valorização das experiências como elementos definidores dessa fase. Afirmções como "descobrir quem você é" ou "passar por experiências boas ou ruins" enfatizam o caráter formativo da juventude, evidenciando-a como um momento de exploração e aprendizado contínuo.

Essas concepções, embora distintas, não são mutuamente excludentes e frequentemente se sobrepõem nas vivências juvenis. Reconhecer a multiplicidade de significados atribuídos à juventude permite uma compreensão mais ampla das dinâmicas que configuram essa etapa da vida. Tais perspectivas também revelam como as juventudes são socialmente construídas e negociadas, reafirmando sua importância como categoria analítica e empírica no estudo das sociedades contemporâneas. A pluralidade das respostas distribuídas entre as categorias exibem o quão errôneo é estereotipar as juventudes como uma massa uniforme distribuída em determinada faixa etária. Até a maneira que os jovens enxergam a juventude traz controvérsias e pontos de convergência. Pode ser uma fase de curtição, mas será que somente de curtição desenfreada? Sem responsabilidades? Por outro lado, será que é uma fase de curtição para todos? As próprias respostas expostas anteriormente esclarecem que as juventudes são múltiplas, pois carregam vivências, experiências próprias que os constituem enquanto jovens que são. Mesmo que fujam dos pressupostos.

A questão “Você se considera jovem?” revelou que 87,9% dos respondentes (n = 29) se identificam como jovens, evidenciando a diversidade de critérios que sustentam essa percepção. Algumas respostas apontam para aspectos físicos, como a ausência de dores ou enfermidades, enquanto outras associam a juventude a comportamentos culturais, idade, linguajar e gostos. Há também quem relacione ser jovem à conjugação de responsabilidades e liberdade, ou ao planejamento de vida, como estudar e aproveitar o tempo disponível. Em contrapartida, uma minoria expressa não se considerar jovem devido às pressões cotidianas, que obscurecem o senso de leveza e espontaneidade. Essas respostas refletem como a juventude é vivida e compreendida de forma plural, condicionada por experiências individuais e contextos sociais.

Na sequência da pesquisa, foi-lhes apresentada uma afirmação, “jovens são imaturos e não estão preparados para as responsabilidades da vida adulta”, para qual deveriam expor seu grau de concordância dentro da escala Likert.

Gráfico 5 – Escala Likert - “jovens são imaturos e não estão preparados para as responsabilidades da vida adulta”



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

Analisando o Gráfico 5 é possível notar uma maior discordância entre as respostas. As alternativas que apresentavam concordância total ou parcial (45,6%; n = 15) levaram vantagem sobre as que apresentaram discordância total ou parcial (36,7%; n = 12), com número significativo de não concordância ou não discordância (15,2%; n = 5). A divisão dos participantes entre as alternativas mostra a reflexão causada pela frase. O grau de concordância ou discordância perpassa a imagem do jovem que eles têm das juventudes e de si, ao identificarem-se ou não com a frase colocada.

Ao serem questionados sobre suas atividades preferidas no tempo livre, os jovens destacaram práticas que foram agrupadas em categorias representativas de seus interesses. Entre as principais, encontram-se assistir séries, filmes ou jogos, evidenciando a centralidade do entretenimento audiovisual; passar tempo com família, amigos ou parceiros(as), o que ressalta a importância das relações sociais; e praticar esportes ou atividades físicas, refletindo preocupações com bem-estar e saúde. Outras atividades incluem passear, usar celular e redes sociais, ler, andar de carro ou moto, e dormir, demonstrando uma combinação de lazer, conectividade digital e momentos de descanso. Essas escolhas ilustram a diversidade de formas como os jovens utilizam seu tempo livre, mesclando interação social, relaxamento e interesses individuais. Vemos que as atividades citadas estão desvinculadas dos compromissos formais diários dos estudantes: estudo e/ou trabalho. E de forma alguma são menos importantes por conta disso, uma vez que os espaços e formas de lazer das juventudes carregam grande potencial educativo (CAMPOS *et al*, 2021).

As desigualdades nas formas de acesso que as juventudes têm de acordo com suas condições financeiras e as distâncias sociais e culturais que isso causa. Ainda mais pensando que

o lazer mediado por tecnologias digitais desponta como um importante vetor potencial do protagonismo juvenil. Primeiro, porque fornece plataformas de sociabilidade capazes de transcender limitações geográficas, unindo sujeitos que compartilham todo o tipo de interesse e afinidade, mesmo que estejam em polos opostos do planeta. Isso enseja a criação de comunidades nas quais são estabelecidos laços sociais duráveis e efêmeros. Além disso, também oferecem linguagens, ferramentas e plataformas de criação, por meio das quais podem expressar pensamentos, visões e idiosincrasias, sejam elas individuais ou frutos da cooperação/colaboração tribal (CRUZ JUNIOR; BUNGENSTAB, 2018, p.525).

A internet faz parte do cotidiano das juventudes (mas não de todas) através do celular, computador, televisão, entre outros. Permitem por meio de suas normas próprias outra organização que pode se mostrar mais atrativa e significativa para estes jovens em alguns casos transpondo atividades/relacionamentos até então do mundo físico para o mundo virtual. Schwertnerp e Fischer (2012) expõem muito bem esta nova realidade conectada através de sua pesquisa:

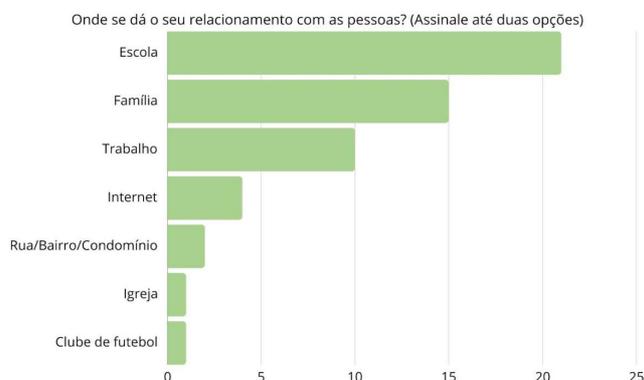
Talvez pudéssemos levantar a hipótese de que espaços não ocupados no social, pelos mais jovens, seja por falta de programas de educação e lazer públicos, seja pela sensação de medo em relação ao mundo da rua¹⁰, estariam sendo substituídos, em boa parte do dia, pela experiência solitária, e ao mesmo tempo conectada, diante do computador e com acesso à internet, por parte de estudantes de seus 13-16 anos do meio urbano (p. 409).

A questão finalizadora deste eixo do questionário foi em quais espaços, principalmente, acontecia a socialização destes estudantes, entendida como

o processo por meio do qual, esses sujeitos interagem com o social, construindo dessa relação seus valores, suas normas e seus papéis, definindo e redefinindo suas posições e representações das suas próprias necessidades e interesses, mediado continuamente pelas diversas fontes, instituições e outros espaços educativos, que constituem suas formas de pensar, sentir e agir (DURAND; SOUZA, 2001, p.170).

Os dados produzidos estão presentes no gráfico 6.

Gráfico 6 – Relacionamentos



Fonte: banco de dados da pesquisa (2023). Organização: dos autores (2024).

É possível observar que a escola é o espaço predominante nas relações sociais dos jovens pesquisados (38,9%; n=21) acompanhado pela família (27,8%; n=15). Pode-se perceber o quanto a escola ainda segue sendo espaço de socialização das juventudes pesquisadas, o principal deles (OLIVEIRA, 2015; 2021). Muito por conta de ser “essencialmente um espaço coletivo de relações grupais. O pátio, os corredores, as salas de aula materializam a convivência e a rotina das pessoas” (OLIVEIRA; RÖWER, 2020, p. 70). Mesmo que escola e família ocupem posição de destaque, não são as únicas. Trabalho (18,5%; n=10) e internet (7,4%; n=4) também aparecem. As transformações sociais, técnicas e informacionais do século XXI ampliaram a participação e emancipação das juventudes, tornando-as mais protagonistas de suas trajetórias. Assim,

o jovem que está inserido em determinado grupo social não se reduz a esse vínculo, e pode ser pensado a partir da posição desse grupo em um espaço social. Os jovens contemporâneos encontram-se em uma sociedade em que as instituições tradicionais de socialização, como escola, mostram-se frágeis, não sendo uma referência de valores e normas (DURAND; SOUZA, 2001, p.170).

Embora sejam fatores decisivos no processo de socialização, a escola, família e trabalho dividem espaço com novas formas de se relacionar, inclusive virtuais. Assim, enquanto a escola e a família continuam sendo espaços fundamentais para a socialização dos jovens, a dinâmica social contemporânea exige uma análise mais ampla sobre as múltiplas influências que moldam o comportamento e as identidades juvenis. O trabalho e a internet, embora com uma participação percentual menor, refletem transformações nas formas de interação e no protagonismo juvenil. A ampliação do acesso a tecnologias digitais e a crescente valorização de experiências fora das instituições tradicionais, como o ambiente virtual e os grupos sociais online, revelam uma nova configuração nas relações sociais. Essas transformações indicam que, embora a escola e a família permaneçam centrais, os jovens contemporâneos estão cada vez mais em contato com diferentes espaços de convivência e formas de socialização, que provocam as antigas definições de autoridade e valores dessas instituições.

4 CONSIDERAÇÕES PARA SEGUIR PENSANDO

Existem diferentes concepções sobre as juventudes. Podemos afirmar que estão longe de serem uma massa unificada de sujeitos, pois carregam vivências e percepções únicas enquanto jovens. Embora sejam idealizadas pela sociedade, são constantemente marginalizadas dos poderes políticos e econômicos, assim como são as que mais sofrem com as mudanças no mercado de trabalho brasileiro, marcado pela gradativa precarização. Por outro lado, o acesso ao ensino básico obrigatório tem crescido entre as classes populares graças a políticas públicas. Fato que trouxe toda uma parcela da juventude que ficava aquém do direito a estudar, fazendo com que a escola tenha que se readaptar às novas realidades.

A metodologia da pesquisa foi baseada na aplicação do questionário, tendo possibilitado coletar um número considerável de respostas e, conseqüentemente, de diferentes percepções sobre as mesmas perguntas. Assim como, é um estudo de caso na medida em que pesquisou especificamente jovens do Ensino Médio da rede estadual do município de Igrejinha.

As juventudes participantes do estudo tinham idades entre 16 e 20 anos, sendo que a maior parte trabalhava e pertencia ao turno noturno. Dentre os 91% que trabalhavam, o comércio se destacava dentro do setor de serviços e funções no setor calçadista dentro da indústria. Quanto às etnias, vemos predominância de pessoas brancas, seguidos por pretos e pardos. Já na divisão por gênero, despontam o masculino e feminino, mas em menor número

aparecem bigênero e gênero fluido. Pode-se notar a diversidade da amostra de estudo em vários aspectos, o que se reflete igualmente nos bairros de moradia dos estudantes, sendo a maioria do Bairro Viaduto (no qual se localiza a escola), porém, contando com alunos de vários outros bairros, inclusive do interior como a localidade de Solitária.

Foram trazidas diferentes perspectivas sobre o que é ser jovem pelos alunos, entre elas encarar a juventude como fase de curtição, de aprendizados, de preparação e de responsabilidades. Partindo dessas diferentes percepções sobre as juventudes, a maioria se considera jovem, associando tal fato a viver experiências e se preparar para o futuro. As principais formas de lazer apontadas envolvem socialização entre familiares e amigos, tecnologias vinculadas ao consumo de mídias digitais (assistir filmes, séries, mexer no celular) e atividades físicas. Sobre os espaços nos quais acontecem majoritariamente suas relações sociais, a escola aparece em primeiro lugar, acompanhada por família e trabalho.

Com os resultados obtidos ao longo do trabalho, ficam abertas as possibilidades de continuidade que explorem novas temáticas, permitindo até análises de áreas mais amplas e pesquisas mais prolongadas. Assim, há espaço para novas pesquisas sobre as juventudes igrejinhas sob outros enfoques, aprofundando inclusive alguns aqui contidos, como a questão do lazer juvenil, deslocamento e apropriação do espaço urbano. Sem as possibilidades, entretanto, se limitarem à Igrejinha. Devido aos baixos números populacionais, podem ser desenvolvidas pesquisas relacionando juventudes às escolas e cidades dentro do Vale do Paranhana como um todo.

Por outro lado, há lacunas para serem preenchidas de trabalhos com temáticas semelhantes à presente em outras regiões e municípios do Rio Grande do Sul. Inclusive em municípios mais distantes da capital, fora da região metropolitana. São diversas possibilidades, o que é deveras positivo na medida em que o desenvolvimento científico continue evoluindo na região, estado e país.

Ao refletirmos sobre as vivências e desafios das juventudes de Igrejinha, somos profundamente tocados pela resiliência e força desses jovens, que, apesar das dificuldades e da marginalização, buscam, dia após dia, transformar suas realidades. Cada história de superação, cada momento de lazer compartilhado entre amigos e familiares, cada conquista no espaço escolar e no mercado de trabalho, revela a imensa capacidade de adaptação e resistência dessas novas gerações. É imperativo que, como sociedade, possamos ouvir e compreender essas vozes, proporcionando-lhes direitos e também oportunidades de se expressarem, de se realizarem e de construir um presente e um futuro mais justo e igualitário,

para que esses jovens possam ser reconhecidos e valorizados como sujeitos de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002. 229 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, 5 ago. 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 30 dez. 2024.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

CAMPOS, E. A; COUTO, A. C. P; RODRIGUES, M. C. A Produção do Conhecimento sobre a Temática Lazer e Juventude na Revista Licere (1998-2020). **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 24, n. 3, p. 119–141, 2021. DOI: 10.35699/2447-6218.2021.36294. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/36294>. Acesso em: 30 dez. 2024.

CHAGAS, A. T. R. O questionário na pesquisa científica. **Administração on line**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1255609/mod_resource/content/0/O_questionariona_pesquisacientifica.pdf. Acesso em: 30 dez. 2024.

CORROCHANO, M. C. Condição juvenil, trabalho e ações coletivas: notas a partir do contexto pandêmico. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Debates sobre Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 48-70. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/debates-sobre-juventudes-1489275>. Acesso em: 30 dez. 2024.

CRUZ JUNIOR, G; BUNGENSTAB, G. C. Entre o Tempo Livre e a Educação: Considerações sobre Juventude, Mídias e Lazer. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 21, n. 4, p. 502–528, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1951>. Acesso em: 30 dez. 2024.

DURAND, O. C; SOUSA, J. T. P. Experiências educativas da juventude: entre a escola e os grupos culturais. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.20, n. especial, p. 163-181, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10283/9554>. Acesso em: 30 dez. 2024.

FEIXA, C *et al.* Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, p.311-325, jul./ago. 2018. DOI: 10.1590/0104-4060.58145. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/er/v34n70/0104-4060-er-34-70-311.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE. **Censo Demográfico de 2022**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

IPEA. **Atlas da violência: Juventudes perdidas**. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/filtros-series/2/juventude-perdida%3E>. Acesso em: 30 dez. 2024.

JESUS, R. E. Mecanismos eficientes na produção do fracasso escolar de jovens negros: estereótipos, silenciamento e invisibilização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.34, e167901, Belo Horizonte, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698167901>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/rzs7bGtj4LKQSCkqz8rMdvD/#>. Acesso em: 30 dez. 2024.

LIMA, M. S. B; MOREIRA, É. V.. A pesquisa qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v.2, n.37, p. 27-55, ago./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/4708>. Acesso em: 30 dez. 2024.

NOGUEIRA, P. H. Q; SANTOS, T. A. Juventudes, sexualidade e diversidades. In: LEAL, Álida *et al*(org.). **Juventude brasileira e educação**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/10/Juventudes-sexualidade-e-diversidades.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

NOVAES, R. C. R *et al.* Juventudes, educação, política e violência: uma entrevista com Regina Novaes. **Educar em Revista**, v. 37, e71209, ago. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.71209>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602021000100502&script=sci_arttext. Acesso em: 30 dez. 2024.

OKTOBERFEST DE IGREJINHA. **Uma festa de voluntários**. Igrejinha, RS: 2023. Disponível em: <https://www.oktoberfest.org.br/a-oktober#voluntarios>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, I. A; RÖWER, J. E. A socialização juvenil no espaço escolar. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v. 21, n.2, p. 62-76, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/3297>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, V. H. N. **Somos jovens: o ensino de Geografia e a escuta das juventudes**. Mestrado em Geografia – UFRGS. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/128887>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes e Educação: estado da arte de publicações em revistas A1 de universidades federais brasileiras (2010 – 2019). **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 358–372, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2279>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, V, H, N. Geografias das Juventudes: a construção do estado da arte na pós-graduação brasileira. **Para Onde?**, Porto Alegre, v. 17, n.2, p. 68-78, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-0003.130242>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/paraonde/article/view/130242>. Acesso em: 30 dez. 2024.

OLIVEIRA, V. H. N. O; PIMENTA, M. M. “Falem bem, falem mal, falem de nós”: o que vem se falando sobre as juventudes do estado do Rio Grande do Sul (Brasil) na pós-graduação (2000-2020)? OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel et al. **Juventudes ibero-americanas: dilemas contemporâneos**. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2022, p.24-41. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/12142>. Acesso em: 30 dez. 2024.

PAIS, J. M *et al.* Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educ. Rev.**, Curitiba, v. 33, n. 64, p. 301-313, abril/jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/50119/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

PEDROSO, J. S *et al.* Pesquisa descritiva e pesquisa prescritiva. **Revista JICEX**, v. 9, n. 9, 2017. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/2604>. Acesso em: 30 dez. 2024.

PETRÓ, S. M. **Escutar as juventudes para preservar a natureza**: estado da arte das publicações nacionais de pós-graduação sobre jovens e meio ambiente. Trabalho de Conclusão de Curso - UFRGS. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257359/001167184.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 dez. 2024.

ROLLSING, C. B. Cultura juvenil, território e trabalho: olhares sobre a noite no bairro Cidade Baixa em Porto Alegre. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.); PIMENTA, Melissa de Mattos (org.). **Juventudes e Territórios**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 27-38. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SALES, S. R; SILVA; L. C. S. Juventudes e relações de gênero. In: LEAL, Álida *et al*(org.). **Juventude brasileira e educação**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/2022/10/Juventudes-e-relacoes-de-genero-1.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SCHWERTNER, S. F; FISCHER, R. M. B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 395-420, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/QrcDs3KMFwyL4Csb6n8TQLJ/?lang=pt>. Acesso em: 30 dez. 2024.

SENAPPEN. **Relatório de informações penais - RELIPEN**. 1º Semestre - 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/senappen/pt-br/servicos/sisdepen/relatorios/relipen/relipen-1-semester-de-2023.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2024.

TOMMASI, L.; CORROCHANO; M. C. Do qualificar ao empreender: políticas de trabalho para jovens no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 99, p. 353-71, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/7gJR8dVYp3WdpCy8hPnNMdF/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

VERNEQUE, D. O. Juventudes e territórios como campos de disputa: uma leitura geográfica. *In*: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.); PIMENTA, Melissa de Mattos (org.). **Juventudes e Territórios**. Porto Alegre: GEPJUVE, , 2023. p. 87-102. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/juventudes-e-territorios-1986815>. Acesso em: 30 dez. 2024.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

OLIVEIRA, V. H. N.; HENKE, R. Juventudes Escolarizadas de Igrejinha (RS): Entre Percepções de Si e da Juventude. **Rev. FSA**, Teresina, v. 22, n. 2, art. 11, p. 193-216, fev. 2025.

Contribuição dos Autores	V. H. N. Oliveira	R. Henke
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X